

CADERNOS DE PSIQUIATRIA SOCIAL E CULTURAL

0

MANUEL JOÃO QUARTILHO (COORD.)

HELDER ALMEIDA

ISABEL FAZENDA

ISABEL GIL

LINDA FERNANDES

MARIA DE FÁTIMA SOUSA

NUNO CARRILHO

RITA ALCAIRE

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Representações da masturbação na televisão e no cinema mainstream

Rita Alcaire

Rita Alcaire²⁹

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

RESUMO

Partindo de uma revisão bibliográfica do corpo de pesquisa dedicado ao tema e de representações culturais recentes, este trabalho de investigação tenta perceber, entre outros aspectos, a forma como a masturbação é vista e representada actualmente no cinema e na televisão *mainstream*, e relacionar estas representações com a sua herança histórica, médica e também religiosa.

Palavras-chave: masturbação, religião, biomedicina, cinema, representações

ABSTRACT

Taking a literary review of the body of knowledge devoted to the subject as a starting point, as well as recent cultural representations, this research tries to understand, among other things, how masturbation is seen and represented currently in mainstream film and television, and to relate these representations with its historical, medical and religious heritage.

Keywords: masturbation, religion, biomedicine, cinema, representations

²⁹ Antropóloga. Doutoranda em Human Rights in Contemporary Societies no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e mestre em Psiquiatria Cultural pela Faculdade de Medicina da mesma universidade. Tem como temas de eleição a identidade, a sexualidade e a 'popular culture' (cinema, televisão e música) a que se junta o vídeo como uma das formas privilegiadas de os trabalhar.

A motivação ³⁰

No parágrafo inicial do seu livro *Elogio da Masturbação* (2006: 9) Philippe Brenot resume em nove linhas a riqueza, complexidade e a herança conturbada com que se lida quando o assunto é masturbação:

Confesso aqui publicamente e como acto expiatório: “Sim, já me masturbei e várias vezes!”. Esta confissão de um crime abjecto reforçado pela reincidência ter-me-ia custado a vida em Espanha, no tempo da Inquisição, ter-me-ia valido a prisão no século XVIII, umas bastonadas e sevícias corporais no século XIX e desprezo e uma dura reprovação ainda há bem pouco tempo. Hoje deixa alguns indiferentes, mas ainda melindra outros cujas dúvidas os deixam sem saber o que pensar sobre isso.

Ao longo de séculos, a masturbação tem sido acompanhada de um conjunto de reações, sendo hoje considerada, de forma unânime, a nível científico, como um ato erótico fundamental no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo (Fonseca, 1987). Universalmente praticada desde sempre, tal como as evidências históricas o demonstram, a masturbação foi encarada de várias formas, em diferentes locais e em diferentes culturas (Cornog, 2003) estando este conjunto de visões negativas associado, genericamente, aos países ocidentais de influência católica. O desenvolvimento contínuo do conhecimento em diferentes áreas das ciências naturais ajudou a erodir lentamente concepções que são hoje tidas como falsas e desadequadas sobre a sexualidade. Também a teologia, a filosofia, a literatura e a antropologia, entre outras áreas, tiveram o seu lugar na construção de novas ideias sobre a sexualidade e de perspetivas alternativas sobre a masturbação, numa mudança de atitudes que se tem vindo a verificar ao longo dos tempos e que ainda está em curso.

Nas últimas décadas, a discussão em torno do tema aumentou: encontramos a masturbação presente em várias formas de arte (da dramaturgia às artes plásticas), proliferaram lojas de venda de produtos eróticos (*sex-shops*), muitos deles com finalidades masturbatórias –, e no campo académico prospera um corpo sólido de pesquisa. Philippe Brenot, já referido, mas também Jean Stengers e Ann Van Neck (2001), Gregory Tuck (2003; 2005; 2008) e Alan Soble (2007), entre tantos outros, contribuíram com importantes estudos sobre a masturbação nas mais variadas áreas. Mas foi Thomas Laqueur, historiador norte-americano, o responsável pelo trabalho mais volumoso e profundo dedicado ao tema. O seu livro *Solitary Sex – A Cultural History of Masturbation* (2004) cobre com detalhe vários séculos fazendo uma ligação entre a história da masturbação e o contexto cultural, médico e religioso ocidental.

Em Portugal a produção académica sobre o tema é, não só, quase inexistente, como o tema é interdito em muitos meios. A título de exemplo pode referir-se o estudo “Vivências Sexuais dos Jovens

³⁰ Texto realizado com base na tese de mestrado “Ménage a moi – representações da masturbação no cinema e televisão *mainstream*”, apresentada no âmbito do 1.º Mestrado em Psiquiatria Cultural da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, orientada pelo Professor Doutor José Luis Pio Abreu.

da Beira Interior”, da investigadora Patrícia Brancal, da Universidade da Beira Interior, realizado em 2007. A propósito da revelação dos resultados desta investigação, de acordo com um comunicado da agência Lusa divulgado em vários *sites*, a própria autora refere que gostava de ter um universo de estudo maior, mas algumas escolas públicas recusaram-se a distribuir o questionário, sobretudo quando confrontadas com perguntas sobre hábitos de sexo oral, anal e masturbação.

Esta circunstância é contrastante com as principais políticas educativas e de saúde pública na União Europeia e também em Portugal, onde uma disciplina de saúde sexual e reprodutiva, que se deveria refletir no trabalho das turmas, foi recentemente integrada nos *curricula* escolares.

Fazer uma pesquisa de interligação entre disciplinas é então essencial para quebrar barreiras, ultrapassar fronteiras e enriquecer os resultados. Nesse aspeto, a literatura, o cinema, a televisão e a pornografia podem ser (e são) fontes válidas e férteis de informação em termos de comportamentos e atitudes relacionados com a sexualidade, a que importa prestar atenção. No que diz respeito à masturbação em concreto, estas fontes de informação mostram que, embora exista um aumento de visibilidade, quer da prática, quer do tema, muitas representações continuam a adotar e a promover uma atitude que se apoia na forma como começou a ser vista no século XVIII em igual medida com as atitudes contemporâneas sobre esta prática.

A principal motivação para fazer um trabalho desta natureza surge da vontade de discutir a forma como o assunto tem sido abordado ao longo do tempo e com que consequências, chegando até à maneira como é encarado atualmente. Este artigo, e a dissertação de mestrado em que esta investigação se insere, pretende mostrar, ao mesmo tempo, o progresso para o qual a medicina - nomeadamente a psiquiatria -, mas também a teologia e a antropologia têm contribuído, designadamente na construção de uma mudança de atitudes em relação à masturbação. Por outras palavras, fazer o confronto entre as ideias que temos e os masturbadores que somos.

Metodologia

A decisão de analisar produtos audiovisuais resulta a convicção de que o cinema e a televisão, nas representações culturais que fazem da realidade, têm uma capacidade única de chegar aos indivíduos e, dessa maneira, permitem entender a forma como eles sentem, pensam e, mais tarde, agem em relação a determinados assuntos. Isto dá aos investigadores a hipótese de perscrutar como se constroem determinadas ideias, conceitos e estereótipos baseados nestas representações, ou seja, nesta “falsidade” fundada no real, que por vezes o exagera, o distorce, mas ao mesmo tempo o reflete. Por outro lado, foi precisamente a oportunidade de empreender um estudo inédito, no âmbito da psiquiatria cultural portuguesa, uma das principais motivações subjacentes não só à escolha do tema, como também à forma de o analisar. Isto é, estava-se perante um objeto de estudo e de uma metodologia inteiramente novos e que, independentemente das suas referências e remissões, ainda não tinham sido abordados. A esta vertente junta-se um apanhado da história cultural da masturbação a partir do século XVIII, necessário à compreensão da forma como esta tem

sido vista ao longo do tempo e importante também como pano de fundo à análise que vai ser feita no momento seguinte do trabalho.

De uma forma resumida, pode então dizer-se que esta investigação assenta na análise qualitativa e no comentário crítico aos conteúdos visuais e discursivos de filmes e séries de televisão com representações de masturbação. O resultado não é uma análise exaustiva da história cultural da masturbação e de todas as representações cinematográficas e televisivas, mas sim o levantar do véu sobre vários temas que se cruzam e das complexas relações que mantêm entre si, e que à primeira vista não se manifestam.

Perspetiva Histórica

Foi a partir de meados do século XVIII que os cientistas se juntaram aos médicos num ataque contra aquilo que ficou conhecido como “sexo solitário” ou “auto poluição”. A guerra contra a masturbação começou formalmente por volta de 1712 com a publicação da obra *Onania; or the Heinous Sin of Self-pollution, and its Frightful Consequences in both SEXES Consider'd, with Spiritual and Physical Advice to those who have already injured themselves by this abominable practice. And seasonable Admonition to the Youth of the nation of Both SEXES...* Este livro, publicado de forma anónima e distribuído gratuitamente é atribuído por Thomas Laqueur (2003) a John Marten, um médico charlatão que já havia sido responsável por folhetos daquilo que aquele autor considerou de pornografia barata. O trabalho argumentava os perigos do sexo solitário alertando que o onanismo “destrói a afeição conjugal, perverte as inclinações naturais e tende a extinguir a esperança de posteridade”. Isto significava para o autor que os masturbadores (referindo-se a indivíduos do sexo masculino) perdiam o interesse sexual nas suas esposas, falhando no grande projeto que era a propagação da espécie (Katz, 1983). Alega o autor que a “auto poluição” era não só uma ameaça à reprodução, mas também fazia com que os onanistas sofressem efeitos nefastos na sua saúde, recorrendo à ciência para defender a sua causa. O autor recorria também à Bíblia argumentando que as escrituras sagradas no que respeita à sodomia se aplicavam à masturbação. Enquanto que a sodomia estava condenada à pena capital e isso suprimia a sua existência, a ausência de proibições legais contra a masturbação levava aqueles que a praticavam a imaginar que nenhum mal cairia sobre eles. As consequências referidas eram, na verdade, muito graves: cegueira, insanidade, paragens no crescimento e, caso não cessassem a atividade, a morte.

Em 1758 Samuel-Auguste Tissot, médico suíço, publica o trabalho *Treatise upon the Disorders Produced by Onanism*, traduzido em quase todas as línguas. Observou que o corpo se “enchia de sangue” durante e depois das relações sexuais (que sabemos hoje se deve à circulação periférica). Dadas as suas visões religiosas, racionalizou que todos os comportamentos sexuais eram potencialmente perigosos porque provocavam um fluxo rápido de sangue para o cérebro o que o impedia de “alimentar” os nervos, deixando um indivíduo vulnerável à insanidade. Reconhecia que algum sexo era necessário à reprodução, mas ensinava que o sexo solitário era a prática mais perigosa de todas

porque conduziria inevitavelmente à ejaculação excessiva e conseqüente perda de sémen. Ensinava também que o “masturbador” estava em grande perigo porque entendia que estava a cometer um pecado e isso deixava o seu sistema numa situação ainda mais precária (Haeberle *et al*, 2006).

Por ser uma figura respeitada, as visões de Tissot foram largamente aceites, embora alguns médicos da altura tenham apontado que estava a usar as suas práticas médicas para dar espaço às suas convicções morais. Os seus pontos de vista espalharam-se pela Europa e foram finalmente abraçados nos Estados Unidos por Benjamin Rush, um dos signatários da Declaração da Independência e uma figura influente da medicina americana. As visões que Tissot e Rush propagaram-se e ganharam o nome de “era da insanidade masturbatórias”.

O século XIX caracterizou-se pelo alastramento da prática da prostituição, da emergência de literatura de cariz sexual explícito, da epidemia da histeria e de um pânico alastrado em relação à masturbação. O modelo médico desenvolvido no século XIX caracterizava como doença aspetos da sexualidade como a homossexualidade, o nudismo, a contraceção e a masturbação. Desde a época medieval até ao século XIX evoluíram novas crenças que influenciaram tanto a religião como a ciência e criaram modos de ver a masturbação, passando esta a ser encarada como a causa de dois terços de todas as doenças, tais como problemas de visão, de audição, epilepsia, mas especialmente perturbações do foro mental, incluindo insanidade, neurose e neurastenia, entre outras. De facto, 60% de todas as doenças mentais e físicas eram atribuídas à masturbação (Geller *et al*, 1980). Isto deveu-se em grande medida, à existência de modelo sexual reprodutivo, até meados do século XX, em que o coito para fins procriativo seria tido como “atividade sexual normal”. Todos os comportamentos sexuais que se afastassem desse objetivo reprodutivo eram considerados anormais face à medicina.

Michel Foucault, filósofo francês que se debruçou amplamente sobre a história da sexualidade e sobre questões de poder, salientou que no século XVIII a Igreja Católica foi perdendo terreno para o saber médico. Depois disso, o corpo humano passou a ser objeto de novas técnicas de controlo, que além de culpabilizar aqueles que manipulavam os próprios genitais por prazer, ainda os ameaçava com os mais terríveis prognósticos a respeito da sua saúde física e mental. O medo da masturbação em todo o mundo fez com que fossem levadas a efeito medidas extremas de prevenção, incluindo o uso de restrições, cirurgia genital e disciplina física (Geller *et al*, 1980). Neste século foi também desenvolvida uma série de métodos e engenhos que eram empregues numa tentativa de impedir forçadamente a masturbação. Entre essas práticas estava a circuncisão feminina ou a remoção do clítoris para evitar que as mulheres tivessem orgasmos. Entre 1856 e 1932, o Gabinete de Patentes dos Estados Unidos aprovou trinta e três patentes para engenhos antimasturbação. Estes aparelhos, que se podem considerar de tortura, foram desenvolvidos por médicos e moralistas e eram desenhados para impedir que o indivíduo ficasse excitado e, por conseqüência, se masturbasse. Havia até recomendações para que as calças dos rapazes fossem reconstruídas de maneira a que não conseguissem tocar no pénis através do bolso.

O magnata dos cereais John Harvey Kellogg declarou que o sexo para qualquer coisa que não fosse a reprodução era um excesso sexual. Em conjunto com outros começou a advogar a circuncisão masculina como impedimento para a masturbação e, convencido de que os impulsos sexuais eram

resultado de falhas de dieta, criou os conhecidos *Corn Flakes*. Sylvester Graham, um padre presbiteriano que se interessava muito por fisiologia e nutrição, e que contribuiu de forma muito forte para uma reforma na dieta da altura, era defensor da introdução da farinha de trigo integral na alimentação (em detrimento da farinha branca processada) como forma de reduzir o desejo sexual da população, principalmente dos jovens (Fulbright, 2003). No seguimento das teorias que defendia, criou as bolachas *Graham Crackers* com o objetivo de fazer desaparecer os impulsos masturbatórios dos rapazes e raparigas do século XIX. Com a parte final do século XIX veio um maior entendimento da sexualidade humana, tanto a nível biológico como a nível psicológico, a que não foi alheio, naturalmente, o trabalho de Sigmund Freud e de outros investigadores. Sobre Freud já foi dito que fez com que terminassem dois mil anos de suspeição cristã sobre a sexualidade. Com o trabalho deste investigador deixa de haver condenação da masturbação desde que se pertença a uma determinada faixa etária (se se fosse uma criança, por exemplo); caso contrário, a culpa por se masturbar poderia causar um número de outros problemas (Stengers e Van Neck, 2001).

O final do século XIX fica também marcado pela introdução do vibrador eletromecânico para tratar a histeria em mulheres. Pensava-se que esta condição clínica estava relacionada com excesso de tensão sexual, e o tratamento previsto era providenciar uma massagem na vulva até que a mulher sentisse uma “sensação de libertação”. Os vibradores eletromecânicos ofereciam um meio rápido e eficaz para “tratar” os sintomas mas quando começaram a ser protagonistas de pequenas produções pornográficas, deixaram de cair em graça no âmbito da medicina, encontrando um lugar de destaque noutras esferas (Laqueur, 2004).

O século XX ficou marcado por fortes mudanças dentro da comunidade médica. Os cientistas começaram a interrogar-se se a masturbação era ou não independente das várias doenças psiquiátricas às quais estava ligada. Durante os anos 1950 e 1960, com o surgimento de uma maior discussão sobre o sexo e a sexualidade e uma diminuição nas atitudes conservadoras, em conjunto com um aumento na pesquisa médica sobre o tópico da masturbação, essa ideia começou a dissipar-se. Existia, no entanto, pouca e má informação sobre o assunto. Começando com o *Relatório Kinsey* de 1948, a masturbação foi desmistificada e até se descobriu ser benéfica. Kinsey espantou o mundo ocidental com os seus estudos estatísticos, assinalando que cerca de 92% dos homens se tinham masturbado até ao orgasmo, mas sentia que este número era uma estimativa por baixo. A publicação dos seus dois estudos sobre o comportamento sexual, *Sexual Behavior in the Human Male*, publicado em 1948, e *Sexual Behavior in the Human Female*, publicado em 1953, mudaram para sempre a forma como a sexualidade e a masturbação passaram a ser encaradas e faladas na cultura popular.

Masters e Johnson revelaram em 1966 que a prática era generalizada na América do Norte, atravessando todas as fronteiras de sexo, idade, classe social e proveniência geográfica. Em 1971, Goldstein, Haeberle e McBride determinaram que a masturbação era a forma mais comum de atividade sexual entre os humanos.

Na era atual a equação parece, então, ter-se invertido. A revolução sexual das décadas de 1960 e 1970 libertou a masturbação das restrições do Iluminismo. Para as mulheres a masturbação tornou-se

um ato de revolução contra o patriarcado “uma forma de reclamar o *self* dos mecanismos reguladores de qualquer sociedade civil” (Laqueur, 2004: 77) tendo sido a elas que coube tornar a masturbação parte de um repertório de uma sexualidade revolucionária. Em 1974, Betty Dodson, conhecida como a “Avó da Masturbação”, publicou o livro *Liberating Masturbation: a Meditation on Self Love*. O livro, que mais tarde foi aumentado e lançado como *Sex for One* foi possivelmente a primeira e, sem dúvida, uma das mais significativas obras para a masturbação feminina. Dodson considerava a masturbação “dar prazer a nós mesmas sob as nossas condições”-, um ato radical, mas também um ato de amor profundo que podia transformar a vida das mulheres. Através dos seus *workshops*, vídeos, livros e conferências, Dodson continua a ser uma das grandes ativistas e defensoras das virtudes do “autoamor”. Em 1977, Joani Black encontrava-se incomodada com o facto de não haver na Baía de São Francisco qualquer lugar para comprar livros relacionados com sexo ou “brinquedos sexuais” sem se sentir desconfortável. Havia escrito dois livros de educação sexual e, ao procurar um local para a distribuição e venda desses trabalhos, de forma a oferecer uma alternativa às habituais livrarias de adultos, abriu a loja *Good Vibrations*. A loja estabeleceu as bases para o modelo de estabelecimento comercial bem iluminado e limpo aonde os clientes se dirigem sem embaraço, fundado também em noções de que vender este tipo de artigos era um ato político que podia promover uma sexualidade saudável. Por contraste, em 1975, o Papa Paulo VI afirmou, sem hesitações, que a masturbação era uma desordem séria e esta permanece ainda política oficial da Igreja.

Em 6 de agosto de 2006, a cidade de Londres recebeu a sua primeira “Masturbate-a-Thon”, ou seja, uma maratona de masturbação. Tratou-se de um evento coletivo em que centenas de indivíduos, homens e mulheres, realizaram atos de masturbação, para fins de beneficência, mais precisamente com receitas a reverterem a favor de instituições de saúde sexual e reprodutiva. O evento tinha também como principais objetivos sensibilizar para os tabus que persistem e, ao mesmo tempo, ajudar a combater, a vergonha em relação a esta forma de atividade sexual. A ideia radica em 1995, em São Francisco, na loja *Good Vibrations*, no âmbito do Mês Nacional da Masturbação (maio) que aí foi fundado nesse ano e que se repete anualmente desde essa altura. Foi também aí que decorreu a primeira “Masturbatona”, com os propósitos anteriormente referidos. O início do século XXI fica marcado pelo aparecimento de *sites* na internet dedicados especificamente à masturbação, à sua prática, a fantasias ligadas a ela e a imagens explícitas do ato e do momento do orgasmo. *Beautiful Agony - Facettes de la Petite Mort* (<http://www.beautifulagony.com>) é um *site* erótico de conteúdos pagos criados em 2003, que disponibiliza a assinantes vídeos carregados por participantes (homens e mulheres) a terem orgasmos e a falarem das suas fantasias. Os vídeos centram-se na cara dos participantes, não providenciando qualquer descrição, visual ou outra, da técnica usada no ato, nem mostrando o seu corpo. Em 2005 surge *I Feel Myself* (<http://nl.ifeelmyself.com>), na mesma linha que o anterior mas bastante mais explícito, que se dedica a fazer “representações reais, naturais e éticas do autoprazer feminino”. Por mais que seja evidente a mudança nas atitudes e crenças perante a masturbação, há algumas semelhanças e paralelos entre a “era dourada do pânico moral sobre a masturbação” (século XVIII) e aquelas que continuam a existir em anos mais recentes. Para referir exemplos próximos, para além do já referido

estudo sobre as “Vivências Sexuais dos Jovens da Beira Interior”, podem-se salientar três casos recentes, um deles no âmbito de uma produção televisiva. Em 2006, a telenovela brasileira *Páginas da Vida* da autoria de Manoel Carlos e realizada por Jayme Monjardim, gerou algumas polémicas devido ao seu conteúdo sexual. No final de cada capítulo eram mostrados depoimentos de indivíduos comuns sobre episódios da sua vida. A principal celeuma resultou de um depoimento dado por Nelly dos Santos, de 68 anos, ama de crianças, que confessou em frente às câmaras ter atingido o orgasmo pela primeira vez aos 45 anos, através de masturbação. O resultado foi o seu despedimento, que por essa razão ameaçou processar a Rede Globo. *Sexo sem tabu* é a designação de um manual de educação sexual para crianças e adolescentes, lançado oficialmente pelo governo da Catalunha, em Espanha, em 2008. O folheto, com texto e ilustrações, aborda em linguagem simples vários aspetos da sexualidade, passando pelas mudanças corporais que decorrem na adolescência, a homossexualidade e a masturbação em menores de 16 anos. A sua divulgação e utilização em salas de aulas levou algumas associações de pais a manifestarem-se e, na sequência de uma reunião dedicada ao assunto, a enviarem um manifesto ao Secretário de Educação da Catalunha, Ernest Maragall. Nesse documento, os pais exigiam a retirada do manual por considerarem que o texto era ausente de valores e de noções de família. Debruçava-se apenas sobre sexo. A Secretaria da Educação optou por manter os manuais em utilização, argumentando que tinham sido feitos por especialistas na temática especialmente para educar os jovens sobre questões importantes do seu desenvolvimento. Cerca de um ano depois o Conselho da Juventude da Extremadura e o Instituto da Mulher da Extremadura apresentaram uma campanha sobre sexualidade e afetividade dirigida a jovens entre os 14 e os 17 anos intitulada “O Prazer está nas tuas Mãos” com o intuito de esclarecer as suas dúvidas com a maior naturalidade possível a partir, entre outras iniciativas, de *workshops*. Para esta campanha, foram elaborados manuais onde constam as principais dúvidas dos jovens nesta matéria, assim como os seus interesses, ilustrações do corpo masculino e feminino e uma descrição dos diferentes brinquedos sexuais que existem, devidamente acompanhados de respostas. Entre os diversos materiais lúdico-pedagógicos preparados no âmbito desta campanha encontrava-se um novo curso escolar que ensinava masturbação a jovens daquela faixa etária. As aulas eram facultativas nas escolas de segundo grau da província com conteúdos que abrangiam as áreas de anatomia e de fisiologia sexual feminina e masculina e diversas técnicas de masturbação, com ou sem o uso de objetos eróticos. A existência deste curso levantou também grande polémica por grupos de pais e alunos que não pretendiam que estes conteúdos fossem abordados.

A masturbação no cinema e televisão recentes

Por que razão estudar o cinema e a televisão num trabalho de psiquiatria cultural? A análise das representações da masturbação no cinema e na televisão é de grande pertinência para várias áreas do saber, nomeadamente para a prática clínica, uma vez que estes dois *media* podem ser considerados poderosos mediadores da experiência social e da realidade cultural, através dos quais se criam e se solidificam, por exemplo, noções de identidade. Constituem neste sentido uma interessante arena

da construção social de *self* e de “outras/os”, daquilo que é considerado desviante ou não, marginal ou normal. A melhor e mais eficaz resposta à pertinência do estudo dos audiovisuais, nomeadamente do cinema, pode ser encontrada num exemplo dado por Charles U. Larson no seu livro *Persuasion: Reception and Responsibility* (2007), quando coloca a questão nos seguintes termos: suponha que daqui a cerca de 5000 anos um antropólogo cultural encontra uma coleção de filmes da última década do século xx. O mais certo é que consiga arranjar uma forma de os visionar, tecnologicamente falando, que proceda a uma avaliação sobre a vida das pessoas a partir deles, e que daí tire as suas ilações sobre aquilo que faziam, aquilo em que acreditavam e que tipo de valores tinham na altura. Isto porque os *mass media*, particularmente o cinema e a televisão, têm a capacidade de servir como um conjunto de textos que iluminam sobre a nossa cultura, tal como os textos escritos antigos o fizeram vários séculos antes. Também Harold Lasswell, no seu texto *The Structure and Function of Communication in Society* (1960: 125) destacou que “os valores próprios de uma sociedade são de facto reformulados e transmitidos pelos *media* de forma a constituírem-se como uma verdadeira ideologia”. Estas afirmações fazem alusão a aspetos importantes relacionados com o papel dos *mass media* como meios que espelham a nossa sociedade mas também a moldam, ou seja, detêm um papel na formação de atitudes e de opiniões, e têm uma função como aquilo a que podemos chamar de agentes socializadores.

No que ao cinema e à televisão diz respeito, não é descabido dizer que são os *mass media* mais importantes no quotidiano dos portugueses se considerarmos a população de uma forma transversal. A *internet* ganha um peso cada vez maior nesta equação, especialmente em camadas etárias mais jovens. No entanto, em termos genéricos, o número de indivíduos a quem a *internet* chega a nível doméstico é bastante inferior ao que tem acesso aos dois *media* sobre os quais se debruça este trabalho.

Um estudo recente levado a efeito pela Marktest e divulgado na edição de 27 de janeiro de 2010 do *Jornal i* revelou que cada português viu em média três horas e meia de televisão por dia no ano de 2009. Os indivíduos pertencentes à classe social mais baixa, ou seja, aqueles para quem muito provavelmente a televisão é a única fonte de informação, foram os que mais tempo passaram em frente ao ecrã.

O mainstream

Os serviços e produtos culturais americanos dominam o mercado cultural global. Esta posição de liderança dos Estados Unidos da América resulta de um fator simples: promovem e vendem produtos culturais que exercem atração em todo o mundo porque são universais e exportáveis, já que se trata de uma nação que fala inglês (que continua a ser uma das línguas mais faladas do mundo) e que é rica em termos culturais (como resultado da emigração). Esta e outras conclusões emergem de um estudo levado a efeito por Frédéric Martel, intitulado *Mainstream, Enquête sur cette culture qui plaît à tout le monde*, ou seja, inquérito sobre uma cultura que agrada ao mundo inteiro. Martel, jornalista e sociólogo francês, passou cinco anos em viagem por cerca de três dezenas de países e entrevistou 1250 pessoas com o objetivo de fazer um relatório sobre o estado da cultura de

mass media, da americanização de muitos filmes, música e formatos televisivos em todo o mundo e identificar tentativas locais, regionais, nacionais e internacionais de resistência a essa influência.

Determinou que a força dos Estados Unidos neste âmbito, confere-lhe a capacidade de influenciar outras culturas e sociedades. A combinação de um poder militar e económico superior com a influência cultural que exerce colocam o país numa posição vantajosa única que envolve mais do que impor a outros países filmes, música e formatos televisivos americanos. Compreende, de igual modo, uma procura contínua pela multiplicação e alargamento dos mercados e uma constante criação de um desejo global por produtos americanos. O processo não destrói as culturas nacionais, mas deixa pouco espaço para que outros países possam competir com os seus próprios bens e serviços culturais. Torna-se necessário explicar esta circunstância para entender a razão por que foram feitas as escolhas que se apresentam de seguida para analisar as representações contemporâneas da masturbação. Os produtos audiovisuais selecionados são, regra geral, de produção norte-americana, uma vez que são os mais vistos em Portugal (em termos quantitativos) e concomitantemente aqueles que exercem mais influência sobre espectadores. Tal é possível constatar facilmente pelo número de filmes americanos em cartaz nos últimos anos, assim como pela quantidade de séries televisivas da mesma nacionalidade que constam na programação dos quatro principais canais de televisão de sinal aberto, para além das que estão disponíveis nos restantes canais.

A masturbação no (grande e pequeno) ecrã : anos 1990 e 2000

Depois de ser em grande medida negligenciada, a masturbação está a ser trazida gradualmente para a esfera pública através da publicação de trabalhos de envergadura sobre o tema e, principalmente, através de referências que, de várias formas, a evocam em filmes e séries de televisão.

Como a seleção seguinte mostra, entre muitas outras, a masturbação é agora largamente retratada. O vencedor de vários Óscares *Beleza Americana* (Sam Mendes, EUA, 1999), o sucesso de crítica *Felicidade* (Todd Solondz, EUA, 1998), *Pleasantville* (Gary Ross, EUA, 2001) e *Secretária* (Steven Shamberg, USA, 2000), e os sucessos de bilheteira *Doidos por Mary* (Bobby e Peter Farelly, EUA, 1998) e *American Pie – a Primeira Vez*³¹ (Paul Weitz, EUA, 1999) todos contêm representações explícitas de masturbação – explícitas não no sentido estrito, proto-médico da pornografia, mas explícito no sentido em que (dentro dos sistemas de censura) o ato é simulado em vez de meramente inferido, implícito ou sugerido, e explícito no sentido em que as cenas explicam momentos narrativos essenciais. (Tuck, 2007: 169)

Seinfeld, “O Concurso” (1992)

George Costanza informa os três amigos Jerry Seinfeld, Elaine Benes e Cosmo Kramer que, numa visita a casa dos seus pais para lhes devolver o carro, pensando que eles estariam no trabalho e que a

31 Todas as traduções presentes neste artigo são da responsabilidade da autora.

casa estivesse vazia, começou a folhear a revista *Glamour* e foi surpreendido pela sua mãe: “A minha mãe apanhou-me. Eu estava sozinho!”

Como consequência do susto, a sua mãe sofreu uma queda, tendo sido internada no hospital. Jerry critica a falta de autocontrolo de George o que dá azo a que este proponha fazer uma aposta de 100 dólares para ver quem consegue manter-se durante mais tempo “senhor do seu domínio”. Tanto Elaine como Kramer decidem juntar-se pagando Elaine 150 dólares porque, decidido pelo grupo, a aposta será mais fácil para uma mulher, já que a atividade em questão é considerada parte do estilo de vida de um homem. Feita a aposta, o episódio leva-nos pelo quotidiano destas personagens enquanto todos têm de resistir a alguma forma de tentação. Jerry e Kramer têm uma vizinha bonita do outro lado da rua que gosta de andar nua em casa e, ao mesmo tempo, Jerry está a namorar com uma rapariga virgem; George é confrontado com a companhia de quarto da mãe no hospital, que recebe todos os dias um banho de esponja de uma enfermeira atraente e Elaine apercebe-se que John F. Kennedy Jr., por quem se sente atraída, frequenta o seu ginásio.

Ao longo do episódio assistimos também ao processo de eliminação. O primeiro perder a aposta é Kramer, depois de ter contemplado a vizinha que vive no prédio do outro lado da rua. A segunda é Elaine ao saber que John F. Kennedy Jr. a quer conhecer. Aposta perdida, o derrotado deposita a quantia combinada na banca da cozinha de Jerry e aprecia uma noite de sono tranquilo, enquanto os restantes sofrem de insónia. Não se fica a saber ao certo qual o vencedor do concurso, embora as circunstâncias sugiram que tenha sido George. Mais importante, no entanto, é realçar que todo o episódio versou sobre algo que desde os primeiros minutos se torna óbvio para os espectadores, mas a palavra não é pronunciada uma única vez, dado que os censores da NBC, que controlam os conteúdos dos programas da estação, não o autorizaram. Para transmitir então o seu significado foram usadas estratégias, sutilezas e eufemismos, tudo para não usar a palavra *masturbação*.

Doidos por Mary, Peter e Bobby Farrelly (1998)

Doidos por Mary conta a história de Ted Stroehmann, um rapaz pouco popular no liceu que teve a possibilidade de ir ao baile de finalistas com uma das raparigas mais cobiçadas da escola, Mary. No entanto, essa saída nunca se verificou porque Ted sofreu um acidente: ficou com os seus órgãos genitais presos no fecho das calças depois de usar a casa de banho, o que deu origem a um mal-entendido com Mary, que pensou que ele se estava a masturbar enquanto a observava. Treze anos mais tarde tem nova oportunidade de sair com ela. Depois de terem marcado uma data para uma saída romântica, Ted resolve masturbar-se para aliviar a tensão antes do seu encontro, seguindo o conselho de um amigo. Inesperadamente, Mary chega um pouco mais cedo do que o previsto, e Ted recebe-a sem se aperceber que o fruto da sua ejaculação está, na verdade, pendurado numa das orelhas. Pensando ser apenas vulgar gel de cabelo, Mary utiliza-o, acabando por dar origem a um dos penteados mais conhecidos do cinema da década de 1990.

Sexo e a Cidade, "A tartaruga e a Lebre" (1998)

Este episódio da série televisiva *Sexo e a Cidade* aborda as preocupações de relacionamento entre humanos, e entre humanos e objetos, quando a personagem Charlotte York é apresentada a

um vibrador conhecido como "O Coelho". Inicialmente reticente em usar um brinquedo sexual que, nas suas próprias palavras, "não é natural", Charlotte confessa que "O Coelho" lhe permitiu os orgasmos mais longos e intensos da sua vida. Começa a ficar em casa à noite e as suas amigas Carrie Bradshaw, Miranda Hobbes e Samantha Jones suspeitam que está a ficar viciada no vibrador. Depois de a confrontarem com esta situação através de uma intervenção, Charlotte abdica de forma relutante do vibrador e volta a ter encontros amorosos com homens.

Psycho, Gus Van Sant (1998)

Nesta nova versão de um original de 1960 de Alfred Hitchcock, uma das mudanças mais visíveis no enredo é a introdução de um efeito sonoro algo perturbador e não totalmente identificado que surge quando o assassino Norman Bates observa a sua hóspede através de um buraco na parede, e que remete para a masturbação enquanto olha para ela, associando assim a prática a um indivíduo *voyeurista*, perturbado e que se vem a revelar um assassino.

Beleza Americana, Sam Mendes (1999)

Beleza Americana dá conta da vida quotidiana de Lester Burnham, a personagem principal do filme, da sua esposa Carolyn e da sua filha Jane. O filme mostra como cada uma destas personagens procede no seu quotidiano e os problemas que cada um está a viver.

Vista de fora trata-se, aparentemente, de uma família perfeita, numa casa perfeita, numa vizinhança perfeita. No entanto, a medida que a história avança, revela-se uma realidade completamente diferente, podendo pois considerar que se trata de uma sátira a vida da classe média americana, especialmente aquela que habita nos subúrbios das grandes cidades. A primeira personagem que surge na narrativa é Lester Burnham, de 42 anos, que é apresentado como um indivíduo deprimido com todos os aspetos da sua vida. É casado com Carolyn, que é quem providencia a maior parte dos rendimentos do lar com o seu trabalho como agente imobiliária, e tem uma filha adolescente, Jane, que acredita odiá-lo apesar das suas tentativas para criar pontes de contacto com ela. Uma das sequências de abertura revela Lester sozinho na cama. Retira-se para a casa de banho onde se masturba, dizendo:

Olhem para mim, a "bater uma" no duche – este será o ponto alto do meu dia. A partir daqui, é sempre a descer.

Segue para o emprego, onde é questionado sobre a sua importância como funcionário dentro da organização para a qual trabalha. Tendo por objetivo dar resposta a esta questão, e para que a sua firma decida que empregados são ou não dispensáveis, tem de apresentar uma descrição das suas funções específicas por escrito, para avaliação.

Mais tarde, na mesma noite, os Burnham sentam-se para um jantar em família, numa cena que transmite, com bastante clareza, o tipo de relacionamento entre estas personagens. A atmosfera é sombria e Lester faz uma tentativa falhada de conversa com a sua filha Jane. Esta abandona a mesa

e Carolyn olha para Lester de forma demorada e reprovadora pelo que acaba de suceder ao que ele responde "Oh, o quê? Tu és a mãe do ano?"

Duas personagens da história vão funcionar como catalisadores para o comportamento subsequente de Lester. São elas Angela Hayes, a amiga da sua filha, que Lester conhece num evento desportivo do liceu onde ambas estudam; e Ricky Fitts, o filho dos seus novos vizinhos, que se faz acompanhar quase sempre da sua máquina de filmar, gravando imagens daquilo que o rodeia, e que consome erva. Lester passa a fantasiar recorrentemente com Angela e a consumir *cannabis*, e começa a ter um comportamento cada vez mais autodestrutivo. Em primeiro lugar, entrega a sua descrição de trabalho, tal como requerido pelos patrões:

O meu trabalho consiste, basicamente, em mascarar meu forte desprezo pelos idiotas que mandam, e pelo menos uma vez por dia retirar-me para a casa de banho para que possa masturbar-me e fantasiar com outra coisa que não se pareça tanto com o Inferno.

Demite-se e arranja um trabalho na hamburgueria Mr. Smiley, numa procura pelo emprego com a menor quantidade de responsabilidade possível. No exercício das suas novas funções, descobre que a sua esposa Carolyn e o seu corretor de imóveis, Buddy Kane, estão a ter um caso extraconjugal. A partir desse momento, Lester passa os seus dias a fazer exercício físico para chamar a atenção de Angela, a fumar erva e a trabalhar neste *drive-thru* de hambúrgueres. Entretanto, Jane e Ricky desenvolvem uma forte relação afetiva e sexual e a relação de amizade entre Jane e Angela começa a enfraquecer. O filme prossegue para o seu final com Lester a narrar:

Lembram-se daqueles cartazes que dizem: Hoje é o primeiro dia da sua vida? Bem, isso é verdade para todos os dias, exceto um: o dia em que morremos.

O filme termina com Lester sentado na mesa da cozinha, inconsciente de que está uma arma apontada à sua cabeça. Reflete sobre uma imagem feliz da sua família e resume os seus pensamentos da seguinte forma, sorrindo: "Ai, ó pá. Ai ó pá..." A câmara afasta-se do seu sorriso, passa para a sua cabeça, passa para a fotografia, depois para uma jarra de rosas (elemento sempre presente ao longo do filme, assim como a cor vermelha), até ao azulejo branco por um momento. Em seguida a arma dispara e a parede ficar salpicada pelo seu sangue.

A Cela, Tarsem Singh (1999)

Veja-se também a cena de masturbação oferecida pelo filme *A Cela*. O filme segue as atividades de um assassino em série Carl Stargher que rapta e encarcera jovens mulheres numa cela, completamente vedada que se vai enchendo lentamente de água, até as suas prisioneiras se afogarem. Depois de cada assassinato, que Carl filma, leva o corpo para casa e lava-o com lixívia. Na cave, usando correntes de metal ligadas a *piercings* que tem estrategicamente colocados nas suas costas e pernas, Carl

coloca-se suspenso por cima do corpo da vítima e masturba-se enquanto vê o vídeo que filmou do seu sofrimento, cronometrando o seu orgasmo de forma a coincidir com o último sopro de vida da vítima.

American Pie, Paul Weitz (1999)

American Pie é um filme sobre quatro rapazes adolescentes que fazem um pacto com o objetivo de perder a virgindade até à noite do baile de finalistas do liceu. Dos quatro rapazes destaca-se Jim Levenstein de cujas ações e diálogos transparece um jovem com um grande apetite e curiosidade sexual, reforçado quando é encontrado a masturbar-se para uma meia de ginástica enquanto vê pornografia e, mais tarde, com uma tarte de receita típica americana (o que dá o nome ao filme).

Como resultado deste comportamento, o seu pai tem uma conversa com ele em que lhe transmite: "Tenho de admitir, sabes, também me [hesita] masturbei quando era um bocadinho mais novo. Costumava chamar-lhe fazer festas à linguíça, sim, sabes, esgalhar o pessegueiro. [pausa] Nunca o fiz com material cozinhado mas sabes, o teu Tio Mort esfrega a minhoca 5 a 6 vezes por dia".

Inadaptado, Spike Jonze (2002)

A personagem principal deste filme é Charlie Kaufman, um guionista dominado por sentimentos de falta de adequação, de frustração sexual e de autoboicote. Contratado para fazer uma adaptação para cinema de um livro, Kaufman demonstra grandes dificuldades em levar a efeito o projeto e apresenta-se ao espectador como um indivíduo cheio de inseguranças, em profundo contraste com o seu irmão gémeo Donald, confiante e bem-sucedido. A masturbação surge, ao longo de todo o filme como sinónimo de falta de adaptação ao mundo real, que faz um jogo interessante com o título – adaptação de um livro para cinema e adaptação para a vida (inadequação emocional e social).

O Delfim, Fernando Lopes (2002)

O Delfim é a adaptação cinematográfica que Fernando Lopes fez do livro com o mesmo nome, de 1968, da autoria de José Cardoso Pires. A ação desenrola-se na aldeia da Gafeira, uma localidade marcadamente rural onde predomina uma mentalidade tradicionalista e provinciana. Tomás Manuel de Palma Bravo é um abastado proprietário que se desloca com frequência a Lisboa, onde usufrui dos serviços de prostitutas, e que descarta a sua esposa, a – infecunda – Maria das Mercês, a quem não dá atenção e por quem não mostra qualquer tipo de respeito. A cena de masturbação, associada a esta personagem feminina, parece solidificar os sentimentos de solidão, afastamento e falta de carinho na sua relação conjugal.

A Lula e a Baleia, Noah Baumbach (2005)

A ação de *A Lula e a Baleia* decorre nos anos 1980, em Nova Iorque e conta a história de dois jovens irmãos Walt, de 16 anos, e Frank, de 12, que tentam lidar com o divórcio dos seus pais, Bernard e Joan Berkman. Ele é professor universitário e escritor há vários anos, não tendo ainda conseguido vender nenhum dos seus trabalhos a uma editora. Ela, pelo contrário, encontra-se em franca ascensão

na sua carreira literária, fator que, entre outros, também provoca desconforto na relação. Após quase duas décadas de uma união matrimonial marcada por falta de comunicação, ausência e por traição, decidem terminar o casamento. Na sequência da separação dos seus pais, Frank, o irmão mais novo, encontra várias formas de lidar com os seus sentimentos de dor e de conflito interno. Um deles envolve masturbar-se na biblioteca e espalhar o seu sémen nas lombadas dos livros.

Weeds, O Último Tango em Agrestic (2006)

Shane, um jovem adolescente, entope a canalização de sua casa com as suas meias de ginástica, para dentro das quais se masturba. Esta circunstância dá origem a que o seu tio Andy tenha uma conversa com ele sobre como se desfazer melhor do seu "sumo de homem" e indicando-lhe quais os métodos menos agressivos para o "delicado órgão", num registo humorístico e atrapalhado.

CallGirl, António Pedro Vasconcelos (2007)

É uma longa-metragem portuguesa com um enredo inspirado na realidade portuguesa. Conta uma história de corrupção em que Maria, uma acompanhante de luxo, tem um papel central. É contratada para seduzir Meireles, Presidente da Câmara de Vilanova, com o objetivo final de usar imagens dos seus encontros sexuais para o chantagear. Desta forma, Meireles vê-se obrigado a autorizar a construção de um empreendimento turístico no Município a que preside, independentemente do impacto ambiental e de envolver negócios menos claros. A cena de masturbação presente neste filme surge no contexto de um encontro sexual entre estas duas personagens. Maria, numa tentativa de fazer Meireles perder completamente o controlo e entregar-se a práticas sexuais, pergunta: "Já alguma mulher se masturbou para ti?" e começa a tocar-se para espanto e excitação deste.

Aquele Querido Mês e agosto, Miguel Gomes (2008)

Aquele Querido Mês de agosto é um registo contemplativo que mistura os géneros documental e de ficção ao longo de toda a obra, e em que o processo de seleção dos atores e o próprio ato de filmagem são integrados nela.

Pelo meio destas imagens de um filme dentro do filme, fica-se a conhecer a história de um pai, sua filha e o primo desta, que são músicos num grupo de baile, e que surgem na narrativa como resultado de um *casting* feito, no âmbito do filme, para encontrar os protagonistas da história. Sónia Bandeira, uma das personagens principais, é uma jovem vigilante florestal. Durante o período de verão, faz turnos de 12 horas nas torres de vigia de incêndios. Sónia é também vocalista de uma banda amadora. Entre o trabalho e o lazer, ocupa os seus dias de férias com a sua função de defensora da floresta, com a música e com os amigos, na praia fluvial.

São também apresentadas as associações culturais locais, assim como o jornal e a emissora da zona, e aqueles que o leem e escutam, respetivamente. Depois da ação devidamente circunstanciada, já a mais de um terço do tempo de duração do filme, o foco começa a desviar-se, com a ação a entrar de forma gradual num registo mais próprio da ficção. Sónia Bandeira passa a representar com

o nome de Tânia e Fábio Oliveira, um jovem jogador de hóquei apresentado pelo seu treinador, passa a encarnar Hélder, primo de Tânia, e um dos elementos da Banda "Estrelas do Alva" que começa a surgir em várias atuações – com Tânia na voz, acompanhada do seu pai Domingos, nos teclados; de Hélder, a guitarra; e de Gomes, um amigo, na bateria. Muito cedo começa a adivinhar-se uma relação de amor entre os primos Hélder e Tânia. Enquanto esta relação se começa a desenhar e se torna mais forte, o espectador começa também a aperceber-se da existência de um mistério relacionado com a mãe de Tânia, Maria Rosa. Alguns julgam que fugiu, outros acreditam ter falecido. A verdade é que "representa um marco maior em toda a estrutura simbólica do filme, estando presente desde a primeira cena (sob a forma de poema narrado em *off*) — perpassa a narrativa transversalmente, primeiro como uma sombra, um segredo bem guardado, que pouco a pouco se vai revelando e abatendo sobre as personagens, afetando todas elas (com a agravante de todas elas terem entre si um grau de parentesco, tendo este *pathos* uma amplitude familiar)" (Boto, 2007: 24). O próprio irmão de Maria Rosa, Celestino, confunde a sua sobrinha Tânia com a mãe num momento de drama familiar potenciado pelo consumo de álcool. Esta confusão vem aflorar um facto importante, o de que Tânia tem fortes parecenças físicas com a sua mãe, comprovadas pelo retrato que surge em várias cenas. Também Domingos, que parece ser o mais afetado pelo desaparecimento da sua esposa, chega ao ponto de confundir a filha com mãe, ocasionando situações de impacto dramático. A semelhança física entre as duas leva a que Hélder, apaixonado pela prima, se masturbe ao folhear um álbum de fotografias em que a tia está presente, no que parece ser uma tentativa de satisfazer o seu desejo sexual (ainda não consumado) por Sónia.

À medida que o mês de agosto e o filme se aproximam do seu final, "as narrativas entrecruzam-se, os bailes e as músicas intensificam-se, como intensa (carnal) se toma a relação incestuosa de Tânia com o seu primo Hélder, na iminência de se despedirem abruptamente, uma vez que Hélder é forçado a emigrar com os pais para França no dia seguinte" (Boto, 2007: 25).

Em conjunto com estes filmes e séries de televisão agora descritos, foram também encontradas referências a masturbação em programas televisivos difundidos pelos canais abertos da televisão portuguesa, designadamente *Os Simpsons*, *Futurama* e *That 70's Show*. Todas se referem a masturbação masculina. A "mais potente e significativa representação de masturbação feminina a aparecer na televisão" (Waxman, 2007: 227) é o episódio já mencionado de *Sexo e a Cidade* e foi inicialmente transmitida por um canal por cabo, mais precisamente o canal norte-americano HBO, o que revela um desequilíbrio quantitativo entre a representação da masturbação feminina e masculina.

A masturbação no cinema e na televisão recentes – discussão de resultados

Em cerca de 100 anos de cinema e em cerca de 60 de televisão, a masturbação foi apenas raramente representada no ecrã, especialmente de forma explícita. Quando efetivamente apareceu, foi motivo de riso e embaraço; de desajuste com a realidade e, portanto, de alguma pena; algo a temer, ou ainda algo excitante por ser pouco visível e considerado transgressor. Se na vida real, como já foi

visto, a masturbação é muito presente e é a atividade sexual mais praticada por humanos, também na produção audiovisual não parece haver como escapar-lhe, embora muitas vezes, se não na maioria delas, de forma encapotada. Principalmente através do cinema de Hollywood, onde a indústria cinematográfica é também uma grande fazedora de mitos e de ideias, fomos ensinados a pensar sobre uma série de assuntos de determinada maneira, a ter determinados comportamentos e modos de agir. Os filmes são, de certa forma, uma maneira de contar a nossa própria história. Mostraram-nos o que é trágico, normal e o que é tabu na nossa vida quotidiana, entre muitas outras coisas. O mesmo aconteceu mais tarde com a televisão comercial e de massas. Dessa forma, o cinema e a televisão mostraram-nos o que pensar sobre a masturbação, sobre aqueles que se masturbavam e, como consequência, ensinaram-nos a refletir sobre nós mesmos. Quando uma prática documentada como sendo tão recorrente na vida quotidiana, como o mostram os estudos já referidos, não é representada em filmes e em televisão com mais abertura e quantidade, é natural que se comece a pensar haver efetivamente "algo de errado" com esta prática e isso levanta inúmeras questões sobre a forma como ela é encarada. Senão veja-se, a qualquer hora do dia, tanto nas notícias como nas séries e filmes de ficção, são difundidas imagens e mensagens relacionadas com assassinatos, violência extrema e violações, entre outras. No entanto, a masturbação, nomeadamente a feminina, continua a ser olhada como algo "difícil de digerir" (Waxman, 2007: 228).

Começemos por uma questão importante e que parece óbvia através de uma avaliação rápida da produção audiovisual recente: tem havido uma crescente sexualização da cultura contemporânea. Como a própria experiência da sociedade de consumo e a pesquisa académica o demonstram, vivemos numa cultura imbuída em sexo. Áreas como as indústrias de entretenimento, da publicidade e do *marketing* apoiam-se fortemente em imagens sexualizadas (Lin, 1998) e muitos dos trabalhos canónicos da arte e da literatura modernas e pós-modernas empregam imagens e expressões sexualmente explícitas (Pease, 2000). Na cultura moderna mais recente, também se testemunha a venda de prazer sexual num conjunto de indústrias "mediadas" que, de forma diferente da prostituição, vendem prazer sexual fora do encontro sexual físico com outra pessoa. No que diz respeito à masturbação, existem muitos exemplos na produção audiovisual norte-americana, adolescente ou adulta, masculina e feminina. Na verdade, na última década a masturbação ganhou uma visibilidade representativa muito maior em inúmeros *media*. Por exemplo, os programas *Sexo e a Cidade* (1998-2004) e *Donas de Casa Desesperadas* (2004-...) fizeram referência a masturbação, ou de forma mais direta, representaram-na. Comédias românticas adolescentes como *Doidos por Mary* (1998) ou *Um Susto de Filme* (2000) e filmes que agradaram tanto o público como a crítica como *Beleza Americana* (1999) e *Mulholland Dr.* (2001) representaram tanto a masturbação masculina como a masturbação feminina adulta.

Muitas das expressões relacionadas com a masturbação em produções audiovisuais são indiretas o que parece refletir aquilo que acontecia e ainda acontece na vida real, ou seja, uma tentativa de evitar ou até mesmo fugir ao assunto. O raciocínio ou o paralelo parece ser: se no dia a dia, o tema não é falado, no ecrã também não é permitido fazê-lo, ou é apenas permitido abordá-lo indiretamente. Foram

claramente encontradas diferenças na forma como a masturbação feminina e masculina são representadas, o que levanta uma quantidade de questões. Por exemplo, pornografia e o estímulo visual estão mais associadas aos homens. Uma outra ligação que se pode fazer é a de que os brinquedos sexuais são mais populares entre as mulheres do que entre os homens. Atente-se no exemplo referente ao episódio de *Sexo e a Cidade*, que apesar da reputação do programa como promotor do direito ao prazer sexual individual, reforça o dever de Charlotte de se envolver em relações sexuais com homens, o que enfatiza a sua identidade heterossexual em vez dos seus prazeres autoeróticos, e que acaba por vencer.

A isto se junta uma prevalência de homens, normalmente brancos, nestas produções audiovisuais, o que parece refletir a percentagem admitida para ambos os sexos no que diz respeito à prática, assim como as formas pelas quais elas são percebidas no senso comum. É ainda possível detetar alguns padrões que podem ser divididos em algumas figuras típicas que aparecem recorrentemente:

O adulto desenquadrado

É uma figura que se masturba para conseguir prazer e metaforicamente para conseguir o seu lugar no mundo. O exemplo paradigmático é a personagem de Lester Bumham em *Beleza Americana*. Mais ainda, muitas das representações mais negativas da masturbação masculina mostram uma espécie de consumo de outros durante o ato, especialmente de mulheres (normalmente sob a forma de imagens) que são transformadas em pouco mais do que acessórios pornográficos. Isto envolve os abusos mais mundanos como por exemplo chamadas telefónicas obscenas ou de *voyeurismo*.

O louco

Durante muito tempo, a imagem da masturbação esteve associada a personagens com pendor criminoso. O masturbador louco é, curiosamente, uma espécie de paradoxo. Por um lado, é concebido como um indivíduo solitário que vive fora do mundo social e sexual. Por outro, quer ter poder absoluto sobre as suas vítimas. O que se observa é uma profunda objectificação e instrumentalização das suas vítimas transformando a sua imagem ou o seu corpo (normalmente sem vida) em pouco mais do que adereços masturbatórios. A este respeito a figura do assassino em série masturbado, segundo Gregory Tuck (2009), que se debruçou largamente sobre questões de masturbação e consumo, não é ilógico aos olhos do capitalismo. O seu desejo de mediar o outro e torná-lo uma mercadoria, fá-lo consumir, em certa medida, uma abstração em vez de se relacionar diretamente com uma pessoa. Na opinião deste autor, é simplesmente uma forma de apropriar o modelo capitalista de produção.

A masturbação é empregue aqui para demonstrar a sexualidade perversa do *serial killer*, um indivíduo apanhado numa espiral de loucura, alienação, sadismo e masturbação crescente. A presença de masturbadoras femininas loucas também existe: *Jovem Procura Companheira* (1992), *Um Olhar Obsessivo* (1999) e *Mulholland Dr.* (2001) são apenas alguns exemplos. Nas três narrativas, estas mulheres surgem como incapazes de formar relações com outras pessoas de forma profunda. Enquanto que nenhuma usa uma vítima como adereço direto, todas assassinam, ou tentam assassinar, os seus amantes, que elas sentiam que nunca "tinham" totalmente.

O adolescente imaturo

É uma figura sexualmente imatura mas com grande curiosidade sexual. Jim de *American Pie I* é um exemplo típico desta categoria, em conjunto com as personagens das séries televisivas *Weeds*, *Parenthood* ou do filme independente *Felicidade*. Esta personagem parece ser uma figura que ainda não conhece a sua sexualidade e, por essa razão, leva a efeito um conjunto de experiências que, habitualmente, provocam uma atitude condescendente nos familiares e amigos da personagem em questão e grande riso nos espectadores. O comportamento que demonstram neste momento da sua vida é encarado como uma fase que será ultrapassada na idade adulta, à medida que acumulam experiência sexual e relacional. Um assunto que parece inicialmente não ser discutido mas que termina sempre com uma intervenção paterna ou de outra figura masculina. É regra geral atribuída a rapazes que são "apanhados" por algum membro da família a masturbarem-se. Trata-se de um estereótipo que parece reforçar a existência de uma sexualidade adulta e viril, por oposição a esta, imatura e desgovernada, que é necessário atingir.

Em suma, em comparação com períodos anteriores da produção cinematográfica e televisiva, a maior presença da masturbação sugere que a masturbação se tomou "representável". No entanto, é questionável que se aceite a recente aparição destas representações como significando uma mudança ou quebra radical com o passado.

Para começar, porque a maioria das representações contemporâneas da masturbação são claramente críticas da prática e não de uma forma pós-moderna (Tuck: 2007) no sentido de trazerem algo de novo. As representações que existem são quase na totalidade, mas não exclusivamente, de masturbação masculina, uma perpetuação da figura do masturbador, tal como tem sido vista nos últimos três séculos, um sujeito mau, um louco, ou desajustado. As personagens envolvidas em cenas adolescentes "apanhados a-masturbar", tais como *American Pie - a Primeira Vez* (Paul e Chris Weitz, EUA, 2000) são normalmente retratadas como ansiosas e fracas a nível físico.

Considerações finais

A questão mantém-se: porque é que em 2010³² algo que é praticado por tantos, é falado por tão poucos? Como muito trabalho académico nos últimos cerca de trinta anos tem demonstrado, a sexualidade – no que se refere tanto aos comportamentos sexuais como às suas representações – tem uma história. "Em diferentes épocas e em diferentes culturas, aquilo que é considerado norma ou desvio, quais os comportamentos e as formas de prazer sexual que são consideradas socialmente aceites e quais são até passíveis de punição, têm mostrado um grande grau de variação" (Soble, 2007: 167). A masturbação, tal como foi demonstrado, não é exceção. Este percurso histórico permite-nos ver que a masturbação tem uma história dinâmica e variada. Sempre foi mais do que uma prática. Foi e é uma ideia, um conceito, algo que mostra o lugar do ser humano no mundo. Que as pessoas se masturbam é um facto generalizado; a forma como pensam, sentem e agem sobre

32 Data em que a Tese de Mestrado em que este artigo se baseia foi entregue para avaliação.

o assunto, não o é. As ideias sobre a masturbação variam de cultura para cultura e de uma era para a era seguinte (ligada diretamente a forma como a cultura vive a sexualidade, as ideias e os valores que tem, entre outras circunstâncias). Em termos ocidentais, numa sociedade em que o tema da masturbação não é discutido em casa ou na escola, onde a integração da sexualidade em geral nos *curricula* escolares é problemática, onde é que aprendemos sobre autoerotismo e masturbação? De onde vêm as imagens e os conteúdos associados a masturbação? E, principalmente, o que dizem elas sobre o assunto? De todos os comportamentos sexuais que se foram estabelecendo na televisão e no cinema desde a revolução cultural e sexual dos anos 1960, a masturbação parece ter sido uma das que demorou mais tempo a ganhar visibilidade e não se pode afirmar que se estabeleceu totalmente, especialmente no que diz respeito à ficção portuguesa.

Mas é incontornável que está cada vez mais presente na ficção em audiovisuais. A aceitação dos seus efeitos benéficos e/ou inofensivos, em conjunto com a verificação da sua ubiquidade, parece estar a negar ansiedades anteriores. Embora permaneça alguma ignorância e alguma superstição em relação ao assunto, as atitudes positivas em relação a masturbação estão a aumentar. Atualmente é quase universalmente aceite pela comunidade médica que a masturbação é uma prática comum, normal e segura, que ocorre em todas as idades. Apesar desta atitude, a prática e discussão atuais sobre a masturbação continuam a ser um assunto *tabu* em muitos meios o que parece indicar que nas visões históricas parecem continuar a influenciar as atitudes contemporâneas. No entanto, a visibilidade crescente não reflete a existência de uma visão mais relaxada em relação à masturbação ou até uma atitude pós moderna em relação à masturbação, no sentido de trazer algo de novo, e novas visões sobre o mesmo assunto. A maioria das representações encontradas, senão mesmo todas, continuam a promover uma atitude em grande medida condenadora em relação à prática e a reforçar estereótipos negativos. Em suma, a masturbação parece continuar a ser o último *tabu* sexual.

Referências

- BOTO, D. (2007). *AQUELE QUERIDO MÊS DE AGOSTO - ANÁLISE DO FILME DE MIGUEL GOMES*. DISSERTAÇÃO APRESENTADA À FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS ARTÍSTICOS.
- BRENOT, P. (2006). *ELOGIO DA MASTURBAÇÃO*. PORTO. CAMPO DAS LETRAS.
- CAMPOLO, T. (1988). *TWENTY HOT POTATOES THAT CHRISTIANS ARE AFRAID TO TOUCH*. MILTON KEYNES: WORD PUBLISHING.
- CHARLESWORTH, C. (2002). *A PASTORALLY- MOTIVATED INVESTIGATION INTO ISSUES SURROUNDING MASTURBATION AMONG MALE CHRISTIANS*. TRABALHO APRESENTADO À REGENTS THEOLOGICAL COLLEGE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHARELATO EM APPLIED THEOLOGY.
- CORNOG, M (2003). *THE BIG BOOK OF MASTURBATION – FROM ANGST TO ZEAL*. SÃO FRANCISCO. DOWN THERE PRESS.
- DODSON, B. (1974). *SEX FOR ONE - THE JOY OF SELFLOVING*. NEW YORK. THREE RIVERS PRESS.
- DOMINIAN, J. (2001). *LET'S MAKE LOVE*. LONDRES. LONGMAN & TODD.
- FONSECA, L., ALLEN GOMES, F. E GOUVEIA, J.P. (1987). ATITUDES PERANTE A MASTURBAÇÃO. *PSIQUIATRIA CLÍNICA*, VOL. 8. Nº 2, 71-76.
- FRIEDMAN, D. (2001). *A MIND OF ITS OWN - A CULTURAL HISTORY OF THE PENIS*. LONDON. ROBERT HALE.
- FULBRIGHT, Y. (2003). *HOT GUIDE TO SAFER SEX*. ALAMEDA. HUNTER HOUSE PUBLISHERS.
- GELLER B. E GREYDANUS D. (1980). "MASTURBATION: HISTORIC PERSPECTIVE" IN *NEW YORK STATE JOURNAL OF MEDICINE*, NOVEMBRO.

- GREENBLATT, S. (2004) "ME, MYSELF AND I" IN *THE NEW YORKER*, VOL.51, Nº 6, ABRIL.
- HAEBERLE, E. (ED.) (2006) *HUMAN SEXUALITY: AN ENCYCLOPEDIA* DISPONÍVEL EM [HTTP://WWW2.HU-BERLIN.DE/SEXOLOGY/GESUND/ARCHIV/SEN/INDEX.HTM](http://www2.hu-berlin.de/sexology/gesund/archiv/sen/index.htm).
- JOHN, J. (1994). *ALWAYS ON MY MIND*. LONDRES. WORD PUBLISHING. JORDAN, M. (2002) *THE ETHICS OF SEX*. OXFORD. BLACKWELL.
- KATZ, J. (1983). *GAY/LESBIAN ALMANAC*. NEW YORK. HARPER AND ROW.
- LAQUEUR, T. (2004). *SOLITARY SEX – A CULTURAL HISTORY OF MASTURBATION*. NOVA IORQUE. ZONE BOOKS.
- LARSON, C. (2007). *PERSUASION: RECEPTION AND RESPONSIBILITY*. BOSTON. WADSWORTH PUBLISHING.
- LASSWELL, H. (1960). "THE STRUCTURE AND FUNCTION OF COMMUNICATION IN SOCIETY" IN SCHAMM, W. (ED.) *MASS COMMUNICATION*, URBANA, UNIVERSITY OF ILLINOIS PRESS.
- LIN, C. (1998). "USES OF SEX APPEALS IN PRIME-TIME TELEVISION COMMERCIALS" IN *SEX ROLES: A JOURNAL OF RESEARCH* 38 (5-6): 461-475.
- MARTEL, F. (2010). *MAINSTREAM, ENQUÊTESUR CETTE CULTURE QUI PLAÎT À TOUT LE MONDE*. PARIS. ÉDITIONS FLAMMARION.
- PATTON, M. (1985). MASTURBATION FROM JUDAISM TO VICTORIANISM. *JOURNAL OF RELIGION AND HEALTH*, 24(2), 133–146.
- PEASE, A. (2000). *MODERNISM, MASS CULTURE AND THE AESTHETICS OF OBSCENITY*. CAMBRIDGE. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS.
- SOBLE, A. (2007). "MASTURBATION: CONCEPTUAL AND ETHICAL MATTERS" IN SOBLE, A. (ED.) (2007) *THE PHILOSOPHY OF SEX*. BOSTON. ROWMAN& LITTLEFIELD.
- STENGERS, J. E VAN NECK, A. (2001). *MASTURBATION: THE HISTORY OF A GREAT TERROR*. NOVA IORQUE. PALGRAVE.
- TUCK, G. (2007). "OF MONSTERS, MASTURBATORS AND MARKETS: AUTOEROTIC DESIRE, SEXUAL EXCHANGE AND THE CINEMATIC SERIAL KILLER" IN SCOTT, N. (ED.) (2007) *MONSTERS AND THE MONSTROUS: MYTHS AND METAPHORS OF ENDURING EVIL*. NOVA IORQUE E AMSTERDAM. RODOPI.
- TUCK, G. (2009). "THE MAINSTREAMING OF MASTURBATION: AUTOEROTICISM AND CONSUMER CAPITALISM" IN ATTWOOD, F. (ED.) *MAINSTREAMING SEX - THE SEXUALIZATION OF WESTERN CULTURE*. LONDON. I. B. TAURIS.
- WAXMAN, J. (2007). *GETTING OFF - A WOMENS'S GUIDE TO MASTURBATION*. BERKELEY. SEAL PRESS. WOODS. M. (2000). "BEAUTY BUBBLY O' SEAS AMID NATIVE HITS". *VARIETY*: 219-250. WONG. M. (2002). *BECAUSE IT'S THERE: MORALS, MEDICINE AND MASTURBATION IN THE NINETEENTH CENTURY*. *UNIVERSITY OF TORONTO MEDICAL JOURNAL*, VOL. 79. Nº 3, 263-265.

Filmes e Séries

- BELEZA AMERICANA, SAM MENDES (1999)
- AQUELE QUERIDO MÊS E AGOSTO, MIGUEL GOMES (2008)
- SEINFELD, –O CONCURSO (1992)
- DOIDOS POR MARY, PETER E BOBBY FARRELLY (1998)
- SEXO E A CIDADE, "A TARTARUGA E A LEBRE" (1998)
- PSYCHO, GUS VAN SANT (1998)
- A CELA, TARSEM SINGH (1999)
- AMERICAN PIE, PAUL WEITZ (1999)
- INADAPTADO, SPIKE JONZE (2002)
- O DELFIM, FERNANDO LOPES (2002)
- A LULA E A BALEIA, NOAH BAUMBACH (2005)
- WEEDS, O ÚLTIMO TANGO EM AGRESTIC (2006)
- CALLGIRL, ANTÓNIO PEDRO VASCONCELOS (2007)